



## CONTRACOLONIZAÇÃO MENTAL: SABERES QUILOMBOLAS NA PSICOLOGIA

*Jeanyce Gabriela Araújo<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Maceió, AL, Brasil*

*Marcela Marques da Silva Damasceno<sup>2</sup>*

*Pós-graduanda em Políticas Públicas em Saúde Mental pela Escola Mineira de Humanidades,  
Belo Horizonte, MG, Brasil*

*Marília Silveira<sup>3</sup>*

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-  
graduação em Psicologia Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

**Resumo:** Este artigo propõe um processo de contracolônização mental a partir dos saberes quilombolas visando descolonizar as práticas de cuidado em saúde mental, a partir de uma história sobre a retirada compulsória de bebês, fruto da experiência e atuação de uma estagiária de psicologia, mulher negra e quilombola, em um Serviço de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas - CAPS AD. No pilão teórico pilamos os saberes de Beatriz Nascimento e Nêgo Bispo ambos intelectuais quilombolas e saberes outros. Consideramos a urgência de incluir as epistemologias, os saberes e fazeres quilombolas na psicologia, sendo esse conhecimento importante para enfrentar a colonização mental.

**Palavras-Chave:** Psicologia; Quilombo; Saúde Mental

### MENTAL COUNTERCOLONIZATION: QUILOMBOLA KNOWLEDGE IN PSYCHOLOGY

<sup>1</sup>Quilombola, nascida em Itabira-MG, educada pelos conhecimentos ancestrais da Comunidade Quilombola São Pedro. Graduada em Psicologia pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais (FEAD). Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É na cozinha do Quilombo, usando o Pilão, muitas mãos ajudando e contando histórias, que os saberes e fazeres são construídos, o café é moído e o pão de queijo é servido, comida que cura cabeça ruim, fortalece a alma e mantém a tradição viva. Pesquisa sobre práticas contracolônias de cuidado em saúde mental, cuidado quilombola em saúde mental. E-mail: [jeanycearaujo@gmail.com](mailto:jeanycearaujo@gmail.com) e ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7992-2021>

<sup>2</sup>Antirracista, Antiproibicionista, Antimanicomial e Decolonial. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Com atuação na Rede de Atenção Psicossocial de BH, como supervisora de Residências Terapêuticas, Integrante de Colegiados Saúde Mental de duas regionais e atuação como psicóloga em Centros de Saúde. A atuação estendeu-se, para o fortalecimento dos Movimentos sociais e da Luta Antimanicomial. Com experiência na política partidária, no movimento sindical pelo sindicato dos trabalhadores de Jornais e Revistas de MG, na Federação Nacional dos trabalhadores gráficos, na central sindical Coordenação Nacional de Lutas. E-mail: [mycelamarques@gmail.com](mailto:mycelamarques@gmail.com) e ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0275-5909>

<sup>3</sup>Psicóloga (UNISINOS/2010), Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS/2013), Doutora em Psicologia (UFF/2016), realizou estágio pós-doutoral no PPG em Psicologia da UFAL (2016 – 2019), onde também foi Professora Visitante (2020-2022), atualmente é Pós-doutoranda no PPG de Psicologia Social da UERJ, bolsista PDJ – CNPq e orientadora de mestrado da primeira autora. E-mail: [mariliasilveira.rs@gmail.com](mailto:mariliasilveira.rs@gmail.com) e ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6420-6310>



**Abstract:** This article proposes a process of mental decolonization based on quilombola knowledge, aiming to decolonize the practices of mental health care. It presents a story about the forced removal of babies, based on the experience and work of a psychology intern, a black woman of quilombola descent, in a Psychosocial Care Center for Alcohol and Other Drugs - CAPS AD. In the theoretical framework, we draw upon the knowledge of Beatriz Nascimento and Nêgo Bispo, both quilombola intellectuals, along with other knowledge. We consider it urgent to include quilombola epistemologies, knowledge, and practices in psychology, as this knowledge is crucial in confronting mental colonization.

**Keywords:** Psychology; Quilombo; Mental Health

### CONTRACOLONIZACIÓN MENTAL: SABERES QUILOMBOLAS EN PSICOLOGÍA

**Resumen:** Este artículo propone un proceso de contracolonización mental basado en los conocimientos quilombolas con el objetivo de descolonizar las prácticas de cuidado en salud mental, a través de una historia sobre la retirada compulsoria de bebés, resultado de la experiencia y actuación de una pasante de psicología, mujer negra y quilombola, en un Servicio de Atención Psicosocial de Alcohol y Otras Drogas - CAPS AD. En el marco teórico, utilizamos los saberes de Beatriz Nascimento y Nêgo Bispo, ambos intelectuales quilombolas y otros conocimientos. Consideramos la urgencia de incluir las epistemologías, los saberes y las prácticas quilombolas en la psicología, ya que este conocimiento es importante para enfrentar la colonización mental.

**Palabras-clave:** Psicología; Quilombo; Salud Mental

### CONTRECOLONISATION MENTALE: CONNAISSANCES QUILOMBOLA EN PSYCHOLOGIE

**Résumé:** Cet article propose un processus de décolonisation mentale basé sur les savoirs quilombolas afin de décoloniser les pratiques de soins en santé mentale, à travers une histoire sur le retrait forcé des bébés, fruit de l'expérience et de l'engagement d'une stagiaire en psychologie, une femme noire et quilombola, dans un Service de Prise en Charge Psychosociale Alcool et Autres Drogues - CAPS AD. Dans le cadre théorique, nous nous appuyons sur les connaissances de Beatriz Nascimento et Nêgo Bispo, tous deux intellectuels quilombolas, ainsi que sur d'autres savoirs. Nous considérons qu'il est urgent d'inclure les épistémologies, les connaissances et les pratiques quilombolas en psychologie, car cette connaissance est importante pour faire face à la colonisation mentale.

**Mots-clés:** Psychologie; Quilombo; Santé Mentale

### INÍCIO



“Eu pari treze crianças e vi a maioria delas ser vendida como escrava, e quando clamei com minha dor de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu! E não sou eu uma mulher?” – Este é um trecho do discurso de Sojourner Truth (1851/2014) ex-escrava e trabalhadora doméstica e que durante uma assembleia de mulheres brancas e homens proferiu um discurso improvisado, cujo registro se tornou importante referência para o feminismo negro que inspira a nosso texto.

Temos como objetivo apresentar uma parte da pesquisa de mestrado em andamento da primeira autora, sobre os saberes quilombolas para composição de outras epistemologias de cuidado em saúde mental. Neste artigo contaremos uma história sobre a retirada compulsória de bebês, fruto da experiência e atuação de uma estagiária de psicologia, mulher negra e quilombola, em um Serviço de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas - Caps AD em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A separação abrupta das crianças negras de suas mães pretas não é um fenômeno novo. A prática social e institucional é comum desde o período colonial, a retirada dos filhos e filhas de mulheres negras pode ser encontrada em diferentes registros (RIZZINI, 2004). Também é possível conhecer parte desta realidade através dos anúncios de aluguel e venda de amas de leite e crianças escravizadas dos jornais da época. A respeito dessa questão, Ângela Davis (2016) aponta que crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque “crianças escravas” estavam no mesmo nível de animais.

A retirada compulsória de bebês vem ocorrendo na capital mineira desde 2014 a partir das recomendações nº 5 e nº 6 nos meses de junho e agosto, emitidas pela 23ª Promotoria de Justiça de Defesa das Crianças e Adolescentes de Belo Horizonte. Nessas recomendações o Ministério Público determinou, arbitrariamente, às maternidades públicas e profissionais da atenção básica de saúde que comunicassem à Vara da Infância e Juventude sobre casos nos quais gestantes/mães que fizessem o consumo de álcool e outras drogas ou se encontrem em situação de rua.

Naquele momento começava a acontecer uma grande mobilização social por meio de reuniões, audiências públicas, manifestações de rua, denunciando que os recém-nascidos de mulheres usuárias de álcool e outras drogas e ou em situação de rua



eram encaminhados diretamente para o acolhimento institucional, sem uma discussão prévia sobre o caso, violando o fluxo estabelecido pela rede de proteção. No ano de 2015 cento e quarenta (140) bebês de até um ano de vida foram retirados de suas mães. Após as movimentações sociais, as recomendações e a portaria foram suspensas em Belo Horizonte. A despeito disso, os casos de retirada de bebês ainda são uma constante em todo Brasil, fazendo-se necessárias e urgentes discussões sobre o tema.

A partir do Adinkra Sankofa grande símbolo de sabedoria em Gana que diz: “retorne ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, voltamos ao quilombo para pegar o que ficou para trás, o conhecimento oral transmitido pelos nossos ancestrais, sobre o cuidado em saúde mental, cuidado comunitário e o viver na terra. Além desses saberes, temos como referência teórica o Feminismo Decolonial que acentua a importância das lutas antirracista, anticapitalista e anti-imperialista, os conceitos de diversos e contracolonial, de Nêgo Bispo, o conceito de Quilombo de Beatriz Nascimento, que propõe construir uma sociedade pautada na liberdade, na justiça, na igualdade e no respeito de modo a exterminar a exploração econômica e o racismo.

Segundo Abdias do Nascimento (2019), para forjar esta concepção de sociedade exige-se que a população negra aprenda a codificar, sistematizar e interpretar suas experiências a partir dos próprios interesses e perspectivas de futuro, o que a pesquisa da qual deriva este artigo tem feito. Trata-se de uma proposta de pesquisa contracolonial, quando usamos a palavra contracolonial, contracolonização, ou contracolonialismo nesse texto, estamos nos referindo ao conceito criado pelo Mestre Quilombola Nêgo Bispo que explica:

O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraquecemos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonização para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio (BISPO, 2023, p. 59).

Sendo a primeira autora quilombola, propomos uma Pesquisa Quilombola, uma produção de saberes e fazeres no pilão, ferramenta importante nas cozinhas do quilombo onde comidas e saberes são preparados. Gomes (2015) conta que, para os colonizadores, perseguidores de escravizados, identificar um território quilombola, era



constatar a existência de casas de pilão. O pilão além de objeto, é marca identitária, cultural do povo quilombola.

Conceição Evaristo (2020) nos ensina que o vazio histórico provocado pelo processo de colonização, coloca as pessoas negras e seus saberes e fazeres como subalternos, e que esse vazio pode ser preenchido pela ficção da literatura. Para preencher essa lacuna no campo da ciência e preservar a identidade das pessoas envolvidas, utilizaremos a escrita de narrativa ficcional afro-brasileira para apresentação da história.

Um caso dado como sem solução pela equipe, precisava de um outro saber para ser cuidado, saber este que foi usado por Ametista, mulher quilombola, afroindígena, estagiária do Caps ad, nossa personagem que segue o ditado aprendido com a sua avó Flor, e sua mãe Rosa Negra: “pra tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte”.

Para analisar a narrativa ficcional afro-brasileira, utilizaremos o método de Análise Multidimensional das Opressões proposto pela Françoise Vergés (2020). Ela propõe analisar o acontecimento considerando como ele impacta e é impactado por diferentes aspectos sejam culturais, econômicos, políticos, sociais e etc. quanto mais aspecto são analisados mais se revela as redes de opressão concretas e subjetivas da teia da exploração e discriminações.

Para produção de conhecimento, saberes e fazeres situados a partir do quilombo a escrevivência proposta por Conceição Evaristo se faz necessária na construção da narrativa ficcional afro-brasileira, pois tem por objetivo incomodar os da casa grande, trazendo o ponto de vista da população negra, e no caso da pesquisa o ponto de vista da Griô Quilombola a narradora, da experiência vivida por Ametista.

O impacto de uma formação universalizante, pautada ainda na ideologia de conhecimento dominante, a colonização mental, chega diretamente em todos os campos de atuação da psicologia contribuindo para a máquina do colonialismo/racismo continuar funcionando. Nos serviços substitutivos de Saúde Mental, isso se torna ainda mais grave, pois temos uma maioria de profissionais brancos, e um alto índice de usuárias/os negras/os.

Considerando esta realidade, nos questionamos se as epistemologias aprendidas na universidade, orientadas pelos tradicionais livros de psicologia, possibilitam a estes



profissionais pensar e elaborar projetos terapêuticos que contemplem as questões subjetivas e concretas que atravessam a realidade de pessoas negras. Sendo importante a incorporação de saberes e fazeres contracoloniais.

Existem políticas públicas de cuidado à saúde mental que chegam até o quilombo, o saber “branco” é bem recebido pela comunidade, como muitos lá dizem: “se faz bem a gente aceita”. Do lado de fora do quilombo nossos saberes e fazeres são vistos como não científicos, por causa deles, somos perseguidas/os desde a colonização até os dias atuais.

O artigo pretende discutir e apontar a eficácia dos saberes vindos do quilombo dentro dos serviços de saúde mental. Uma vez que esse conhecimento foi utilizado nesse caso, julgado pelo olhar dos profissionais brancos como impossível, pelo olhar de Ametista, a estagiária de psicologia quilombola, foi visto como possível e solucionado.

Jamais devemos nos esquecer, quilombo não significa escravo fugido, essa é uma visão dos colonizadores. Quilombo é terra de liberdade, resistência, sabores, saberes e fazeres. Quilombo significa convivência, solidariedade e luta. Aqualtune, Dandara, Ganga Zumba e Zumbi Presentes!

### **PESQUISA QUILOMBOLA**

A Pesquisa Quilombola, em construção pela primeira autora, pela orientadora e colegas da orientação coletiva do mestrado, segue a posição enquanto comunidade de sermos “contrária à importação de produtos culturais prontos e acabados produzidos no exterior” (NASCIMENTO, p.283, 2019), por isso usamos o pilão. A vivência quilombola é coletiva, assim como a pesquisa desenvolvida, feita por muitas mãos.

Alguns critérios são fundamentais para a pesquisa ser considerada quilombola: O conhecimento deve ser produzido no pilão, na cozinha, a partir das experiências de quem está pesquisando. Todos esses instrumentos são “manuais” e o resultado sai de acordo com o jeito único da pessoa. Podemos fazer o mesmo arroz com feijão, seguir a mesma receita, o mesmo tempero, mas o gosto sai diferente. Cada um tem sua forma de produzir conhecimento e isso precisa ser respeitado.

Outro critério é o entrecruzamento de diversas teorias e epistemologias, com exceção das teorias e epistemologias colonizadoras, pois estas azedam a comida. As teorias produzidas por negros, indígenas e brancos contracoloniais, devem dialogar sem



sobreposição, sem considerar que uma é melhor ou superior que a outra, mas como cada produção pode contribuir para o coletivo. Flávio dos Santos Gomes (2015) chama de Mosaico Cultural aquele gestado nas senzalas e difundido nos quilombos, pois esse saber multicultural foi importante para Palmares resistir por anos, sendo o último quilombo a ser destruído.

Uma Pesquisa Quilombola, deve também ser feita com paixão, amor, tesão, luta, raiva, tristeza, revolta, angústia, alegria, desejo e etc. Produzir transformações coletivas e pessoais, pois vida e pesquisa caminham juntas.

O saber é feito por várias mãos, todos da comunidade dão sua contribuição, seja catando o feijão, lavando o arroz, “cascando” o alho. Compartilhamos os textos e ideias da pesquisa com pai, mãe, irmã, sobrinha, orientadora, colegas de mestrado, pacientes da clínica, cachorro, gato, papagaio, as plantinhas, a diarista, vizinhos, professoras, psicoterapeuta, atendente do banco e com a comunidade.

Construção coletiva do saber, uma pesquisa em que suas produções e análises teóricas acontecem também no cotidiano. A fé não é separada da ciência, e tem muita comida, música, festa, novena, missa, gira, cachaça, galinhada, torresmo, traição, chifre e reconciliação.

A linguagem precisa ser acessível, todas, todos e todes precisam conseguir ler e compreender o que está escrito, ou melhor dizendo o que está sendo contado. Como diz Nêgo Bispo “No quilombo contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos” (BISPO, 2023, p. 25). A Pesquisa Quilombola é composta por histórias contadas, escritas, contribuindo para o fim do historicídio. Não existe objeto de pesquisa, a pesquisadora elabora epistemologias, a partir da sua própria história de vida e experiências.

Você contar, narrar e escrever histórias como uma grande Griote ou Griô, compartilhando com a comunidade o conhecimento recebido dos ancestrais e mantendo viva a memória do nosso povo, como diz um provérbio congolês, “os pássaros têm asas porque elas foram passadas por outros pássaros. Eles voam porque continuam a praticar a arte de voar bem, a mesma praticada por seus ancestrais” (LOPES; SIMAS, p. 36, 2022). O conhecimento não tem dono, não pode ser vendido como mercadoria.



A pesquisadora teve o cuidado de achar um método de análise a ser aplicados às narrativas ficcionais afro-brasileiras, que se aproximasse da Pesquisa Quilombola, encontrando na proposição de Françoise Vergès o que ela nomeia como pedagogia decolonial crítica. Fazer uma análise multidimensional das opressões, método que parte da noção proposta por Darren Lenard Hutchison e que Vergès explica a partir da banana:

[...] utilizarei uma fruta conhecida, a banana, para esclarecer certo número de analogias e afinidades eletivas provenientes de sua disseminação da Nova Guiné para o resto do mundo: banana e escravidão, banana e imperialismo us (*banana republics*), banana e agronegócio (pesticidas, inseticidas - o escândalo do clordecona nas Antilhas), banana e condições de trabalho (regime de *plantation*, violência sexual, repressão), banana e meio ambiente (monocultura, água poluída, terras poluídas), banana e música, banana e espetáculo (Josephine Baker), banana e *branding* (*Banana Republica*), banana e racismo (há quanto tempo a banana está associada à negrofobia?), banana e ciência (a busca pela banana “perfeita”), banana e consumo (levar a banana aos lares, sugerir receitas), banana e rito aos antepassados, banana e arte contemporânea. (FRANÇOISE VERGÉS, p.49, 2020).

Vamos analisar a retirada compulsória de bebês do ponto de vista da população negra e quilombola, reescrevendo a história e utilizando outros nomes.

### PILÃO TEÓRICO

Nesse pilão fazemos farinha de amendoim, chega perto, olha dentro do pilão, observem o fubá, o amendoim, a rapadura, consegue ver os alimentos se relacionando em harmonia? Agora sente o cheiro do amendoim torrado, chega dar água na boca. Vamos colocar um punhadinho na palma da mão do (a) leitor (a). Com cuidado, leve a mão a boca, e taca a farinha de amendoim lá dentro, sem deixar cair um farelo, e lambe a palma da mão, certificando não ter ispidido<sup>4</sup> nada dessa iguaria fina feita no Quilombo São Pedro.

Mastigue com calma, sinta a explosão ao morder os pequenos pedaços de rapadura e o sabor doce da cana, a crocância do amendoim e a esfoliação do fubá na língua e bochechas, despertando uma vontade de comer mais e mais.

No pilão nenhum ingrediente é melhor do que o outro, nenhum é mais importante do que o outro, todos são necessários, todos tem sua importância e se relacionam entre si. Saber fazer no pilão é respeitar a diversidade, a diferença, não

---

<sup>4</sup> Algumas palavras no artigo serão escritas da forma que falam respeitando a oralidade do povo quilombola.



existe sobrepor, não existe superior ou inferior, mais gostoso, menos gostoso. Saber fazer no pilão é o que o nosso Mestre Nêgo Bispo (2023, p.15) chama de confluência. Ele fala em seu livro a Terra dá a Terra quer que: “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser gente, a gente passa a ser gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida”. Imagina se a farinha de amendoim fosse só o amendoim? Não seria farinha, seria pasta, não renderia e o gosto seria insosso, sem graça, triste, deprimente e sozinho.

Utilizaremos no Pilão Teórico deste artigo, saberes orais e conhecimentos ancestrais, científicos do quilombo, psicologia antirracista, história, feminismos negros, epistemologias contacoloniais, literatura afro-brasileira, filosofia africana entre outros. Um ingrediente importante e que não pode faltar é a história da formação dos quilombos. Você sabe o que é o Quilombo do ponto de vista dos quilombolas? Chamo Beatriz Nascimento, Negô Bispo, intelectuais quilombolas para escrever comigo e conceituar para você. Sequestrados, pegos a força, vendidos e escravizados, filhas e filhos do continente Mãe África tornaram-se perdidos de si e de seus povos, línguas, culturas e etnias. Foram jogados dentro do porão do Valongo, mais conhecido como navio negreiro. Povos Bantos, Malis, Yorubás foram apagados. Os escravocratas, colonizadores os definiram como negros. Assim comeou a ideia de raça humana, raça negra e branca, raça ruim, raça boa, raça com cultura, raça sem cultura. Estratégia violenta para dizimar vários povos, reduzindo-os a cor. O Quilombo começou ali, no porão dos navios negreiros, compartilham da mesma dor, filhas e filhos separados de suas mães e encontram no porão mulheres negras separadas de seus filhos. Crianças sem mães, mães sem crianças, diversos, povos sem seus povos, que se unem. Beatriz Nascimento (2021, p. 123) afirma que “os maus tratos e os castigos corporais não levariam multidões de homens a criar sociedades ou assentamentos”, critica a interpretação da literatura sobre os quilombos, muitos historiadores veem no quilombo um retorno a situação tribal, uma necessidade do homem de voltar às origens da África, um ideal inato de liberdade. Quando na verdade era uma organização coletiva e social contra a sociedade oficial da época, cuja repressão contra o sistema escravocrata não foi realizada. Para a autora o quilombo, não pode ser reduzido à fuga, sendo essa uma das várias etapas do processo de organização dessa sociedade democrática, e a maior parte dos quilombos tiveram sua formação, após a abolição. Abdias de Nascimento fala:



O Movimento Negro Unificado Contra o Racismo e a Discriminação Racial assim registra seu conceito quilombola ao definir o "Dia da Consciência Negra": Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República Negra dos Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra! Dia da morte do grande líder negro nacional, Zumbi, responsável pela primeira e única tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre, e em que todos – negros, índios e brancos – realizaram um grande avanço político, econômico e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos (1978) (NASCIMENTO, 2019, p.282).

Acrescentamos ainda no pilão o conhecimento ancestral de Vó Naná que sempre dizia: “Pra tudo tem um jeito só não tem jeito para morte”, não existe impossível na vivência quilombola, pra tudo a gente dá um jeito. A perspectiva Griô nos ensina que do ponto de vista da mãe todo filho é bonito. Do ponto de vista do colonizador Quilombo significa escravo fugido, do ponto de vista do quilombola, Quilombo é palavra do quimbundo e significa “União” e a Griô finaliza acrescentando: “Três são as verdades: a minha verdade, a tua verdade e a verdade” Griô Hassane Kouyaté.

Despejamos no pilão o conceito de Feminismo Decolonial proposto por Françoise Vergés (2020, p.35): “O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito á existência.”

Para finalizar e começar a pilar esses saberes, acrescentamos conhecimentos teóricos da psicologia sócio-histórica, estudos sobre políticas públicas, psicologia jurídica, gênero, raça, luta antimanicomial, luta antiproibicionista, literatura e filosofias de diversos povos africanos. Pilamos tudo isso com amor, e o resultado foi uma base teórica quilombola.

Nos colocamos como Griôs em iniciação, que tem como função ensinar lições difíceis de modo fácil. Mas o que é Griô?

O nome original é diéli na língua malinqué, a palavra griô foi coisa dos franceses – Os estrangeiros passavam pelo Mali e não entendia nenhuma língua falada na região – não tinha ideia do que seria um diéli e da sua importância. O diéli andava junto ao soberano e falava por ele, os portugueses acharam que ele era uma espécie de criado do soberano. A palavra criado foi afrancesado criôdo, cri na pronúncia em francês vira gri, virou griôdo. Quando precisavam escrever Revista da ABPN • v. 16, Edição Especial / Setembro • 2023



para o rei deles, escreviam como ouviam e ficou griot. Diéli e criado são coisas diferentes. O que todo diéli sabe é que essa palavra significa sangue. Pois enquanto o sangue corre dentro da gente há a vida, não? Da mesma forma, um diéli faz circular a história dentro da sociedade. É ele que não deixa morrer a história de uma pessoa, de uma família, de uma linhagem, de um clã, de um país. É isso que significa ser um diéli. Reparem que ele faz a história de nossa gente continuar a viver. Importa mais saber o que ele significa para a vida da sociedade onde vive. Não importa se chamado de diéli ou griô. A língua precisa apenas conhecer o sabor do alimento (LIMA; HERNANDEZ, 2010. p. 14-15).

Contar histórias a partir da escrita literária exige seguir técnicas específicas do campo. Para uma narrativa ser considerada ficcional ela precisa dos seguintes elementos textuais: foco narrativo e tipo de narrador, ponto de vista na descrição da pessoa, ponto de vista na descrição do cenário, concretude, tema, conflito pelo qual a personagem passa, entre outros (MAMBRINI, 2023).

Escolhemos como narradora de terceira pessoa uma Griô Quilombola, então é a partir da perspectiva do Quilombo que as histórias a seguir serão narradas. Como diz Ochy Curriel: “A subalternidade precisa deixar de ser objeto e passar a ser sujeito do conhecimento” (CURIEL, 2020, p. 132). Nêgo Bispo, completa: “Na cidade grande, contudo, só se tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão” (BISPO, 2023, p. 25). A pesquisa da qual deriva esse artigo, cumpre o compromisso quilombola, de não ser uma mercadoria para ganhar dinheiro a partir da experiência de sofrimento das mulheres negras, que tiveram seus bebês retirados, rompendo com o que Cidinha da Silva (2021, p. 10) chama de “humanização do opressor”, quando uma pessoa subalternizada vence a opressão, produzindo certo regozijo no coração de opressores que se acham diferentes de seus semelhantes algozes.

Importante ressaltar que o método escolhido inicialmente foi a entrevista de história de vida. Orientadora e orientanda analisaram os riscos da pesquisa e concluíram, que retomar o contato com as mulheres, poderia ativar memórias de sofrimento, colocar o dedo na ferida, causando, sofrimento para elas e suas famílias. Ainda com o intuito de não tornar essa pesquisa um fetiche para branquitude, e mercadoria, seguimos o princípio de falar por nós mesmas, e não em nome da outra pessoa. A pesquisadora nunca passou por um processo de retirada de bebês, e não consegue falar dessa dor. Refletiu sobre como os métodos coloniais seguem expropriando saberes dos povos negros quando a maioria das pesquisas em psicologia



envolvendo humanos, não transformam em nada, a vida das pessoas entrevistadas, ficando os louros para os mestres.

Não podendo falar da mãe que teve o bebê retirado encontramos a saída de falarmos da experiência da mestranda no encontro com essa mãe. A narrativa ficcional afro-brasileira é sobre Ametista, a estagiária, no encontro com Carolina Silva.

Ancorada em Conceição Evaristo (2018) ousamos parafrasear o seguinte trecho do livro *Becos da Memória: nada que está narrado em As Insubordinadas do Caps AD, é verdade, nada que está narrado em As Insubordinadas do Caps AD, é mentira. Escrevemos ficção como se estivéssemos escrevendo a realidade vivida.*

### AS INSUBORDINADAS DO CAPS AD

Era fevereiro de 2018, último período do curso de psicologia, Ametista celebrava o tempo próximo do tão sonhado diploma. Contava os dias para poder responder ao perguntarem sobre sua profissão: “Sou Psicóloga”. Sala de aula lotada, turma comentando do professor de estágio em Saúde Mental, segundo informações dos colegas de períodos anteriores João Franco é jovem, bonito, divertido, fuma cigarro com os alunos no intervalo e as supervisões são sensacionais, o cara é foda.

Ametista com a cabeça debruçada sobre os braços cruzados, apoiados na carteira, tentava tirar um cochilo, interrompido por uma voz grossa: “Boa Noite! meus jovens, prontos para o melhor estágio de suas vidas?”. A turma ri e aplaude o professor.

Ametista ergue a cabeça, esfrega o rosto, ajeita o corpo na carteira, e tenta despistar o sono, arregalando os olhos e fixando-os no professor, de estatura mediana, 1,63 de altura, calvo, do tipo que esconde os caminhos da cabeça sem cabelos com a franja. Calça jeans surrada, blusa de malha cinza, ambas de numeração acima do seu tamanho, disfarçando a sua magreza. Barbudo de pele branca, aparência de pessoa privilegiada que tem fetiche com a pobreza.

João Franco não era muito diferente dos outros professores universitários, faixa etária entre 27 e 35 anos, demarcando o direito à educação garantido. Ao contrário de Ametista e outras pessoas pretas e pardas, 35 anos ou mais é a idade que muitos acessam a graduação.



As meninas da turma ouriçadas cochichavam entre si: “Que professor gatinho, eu pegava”. Ametista olha para as colegas, faz cara de deboche e diz: “Quem definiu esse professor como bonito, não sabe o que é beleza”.

Franco é coordenador de um Centro de Atenção Psicossocial - Caps adulto na região metropolitana, possui mais de 10 anos de experiência em Saúde Mental, inicia a aula contando histórias sensacionais, as intervenções parecem mágica, e cria-se uma fantasia de romance, deixando os alunos e alunas hipnotizados, e ansiosos para começarem o estágio.

João Franco com sorriso no rosto pela empolgação da turma diz: “Calma, Calma, Calma, vamos para o campo após a assinatura dos contratos e a discussão do texto, A construção do caso clínico - Carlo Viganó”. Orienta sobre o preenchimento dos documentos, fala com orgulho que a Rede de Saúde Mental da cidade Belo Pôr do Sol, e do privilégio de seus alunos e alunas estagiarem no serviço que é referência na América Latina, e o único a dialogar com Lacan. A cada fala sobre psicanálise, Ametista revirava os olhos.

Distribuídas as vagas, Ametista optou pelo CAPS AD e começaram os estágios. Aulas teóricas concluídas é chegado o grande dia.

Primeira vez que Ametista entra em um Caps AD, contato corporal com o ambiente foi de estranheza, sensação de casa, ao ver uma piscina enorme no pátio, ao mesmo tempo parecia uma escola, pelas carteiras, cadeiras e refeitório e o sentimento de estar em presídio, tudo cercado, só entra e sai com autorização e mediante apresentação de documentação. Direcionada para reunião de equipe, momento em que discutem estratégias de enfrentamento para os casos mais complexos e se sobra tempo, falam dos menos complicados. O clima da reunião esquentada, igual ao sol no lindo verão no Sertão, com a fala de Blanca Leite: “tinha que colocar dispositivo intrauterino o famoso DIU em todas as mulheres em situação de rua aí resolvia o problema”.

Ametista, corpo terra, nascido em virgem, saber epistemológico vindo do quilombo, não sabe fazer blasé, famoso carão de psicanalista que expressa indiferença em situações complexas. Susto e indignação explícitos na face, olhos arregalados, sobrancelha levantada, apruma o corpo, estufa o peito e com firmeza diz: “Essa é uma



prática eugenista, para exterminar a população negra e indígena” Ametista foi silenciada pelo coro das vozes brancas: “Que exagero, agora tudo é racismo”.

Blanca Leite, sobrenome herdado da sua família de origem portuguesa, sentada à mesa de reunião, com as costas eretas, ombros para trás e pernas cruzadas. Postura elegante de um corpo esguio, nutrido e bem cuidado. Cabelo liso e loiro, corte Chanel formando a simetria do seu rosto de madame e como diz Dorinda Hafner (2000): “caprichosamente vestida, tipo colonizadora”.

Prossegue a reunião, com a sua fala em tom médio, pausado e tranquila, afirma ser impossível Carolina Silva ter a guarda da filha. Em seus dez anos de experiência como psiquiatra no caps ad, somados aos conhecimentos teóricos sobre psicanálise e as psicopatologias, adquiridos no pós doutorado na Sorbonne em Paris, nunca presenciou mulheres usuárias de álcool e outras drogas, recuperarem o recém-nascido de volta, pois vão para adoção na velocidade da luz, e como são pobres, e o sistema de justiça brasileiro gratuito é moroso perdem-se no prazo, e passam a usar mais drogas ainda.

Blanca relata: “Vi uma mãe consumir álcool até morrer, depois de perder a guarda de dois filhos. Usei todo meu conhecimento, nada fez ela ressignificar essa dor, no final percebi o desejo dela de continuar nessa repetição, no gozo provocado pela embriaguez, e aceitei que seria uma viciada até a morte”.

Indignada, Ametista rebate: “Pra tudo tem um jeito, só não tem jeito para morte”. Foi instantânea e sincronizada a dança dos olhos brancos, de boa parte da equipe. Num leve e despistado girar de globo ocular, acertam ligeiros a retina de Ametista, em desaprovação da sua fala, uma afronta ao saber do pai! Desobedecer ao pai da psicanálise e seus filhos e filhas, ou alguns pais da história é sinônimo de ser castigada, punida, violentada, internada no hospício e colocada no colégio de freiras.

Ametista não tem medo, sua retina responde com firmeza, não pisca e muito menos desvia o olhar, ela encara firme. Nunca teve esse pai. Cria de quilombo, pai e avô e outras figuras masculinas, são sinônimos de amor, diálogo, trocas, afeto e coragem, como Zumbi.

Blanca inspira e expira o ar, em um exercício de yoga, e seu semblante continua o mesmo do início da reunião, o clima quente, não a faz suar, seu protetor solar comprado na Europa, tem a capacidade térmica de não absorver calor, tornando-a



insensível e blindada a situações de tensões, o que explica a eterna postura *good vibes* dela. Os demais usuários cochicham entre si: “Que menina louca, Blanca Leite é a melhor”, “Que estagiária topetuda”, “Mal chegou no serviço e quer dar uma de salvadora dos pretos”, “Coitada, vai quebrar a cara”, “Esta é a geração de psicólogos que estão formando, envolvem demais, não sabem ter distanciamento dos casos, Javé nos proteja”.

O que eles não sabiam é que na luta pela sobrevivência, obrigação de ter experiência para conseguir emprego na área após a conclusão do curso, Ametista havia atuado como estagiária em diferentes políticas públicas. A experiência com ameaçados de morte, aliados ao contato com a saúde mental por meio das residências terapêuticas, e sua vivência no quilombo, possibilitou adquirir conhecimentos práticos de articulação de Rede de Atenção Psicossocial, e atuação conjunta com movimentos sociais da luta antimanicomial e políticos partidários.

Os cochichos são interrompidos com a entrada do usuário Guimba gritando: “Cadê meu café?, cês não vão trabalhar não, cambada?!”. O clima fica gostoso com a alegria de Guimba. Blanca Leite, retira-se da mesa com elegância, saindo a francesa dando a entender o fim da reunião.

Dia de supervisão na faculdade, apresentação do caso que está sendo acompanhado no CAPS AD, professor João Franco diz: “Ametista é a sua vez”. Ela inicia a leitura: “Carolina Silva, 30 anos, mulher negra, deu entrada no CAPS AD no dia 04/04/2018. Demanda: Foi encaminhada pela assistente social da Casa Darcy Ribeiro, onde Livia Silva, sua filha, encontra-se abrigada desde o seu segundo dia de vida, 24/04/2017”.

A leitura é interrompida pelos comentários da turma: “Eu não sabia que existia isso”, “Que absurdo”, “Eu como mãe e doula imagino o desespero dessa mãe”. O professor pede silêncio e Ametista prossegue a leitura: No dia 22/04/2017, Carolina Silva, realiza o parto normal na Maternidade Gorete Valadão. Quatro horas após o parto, a assistente social da maternidade, caminha em direção ao leito de Carolina Silva. Encontra a mãe, com Livia nos braços, a bebê com a mãozinha, apoiada na fonte de alimento e vida, seios fartos de leite, auréola marrom, com bico pontiagudo, facilitando seu encaixe na boca minúscula que sugava com voracidade, percebido pelo movimento



rápido de sucção da boquinha nervosa. Carolina com olhar fixo para sua bebê gulosa, passa o dedo indicador sobre o rosto da filha, tocando cada parte do seu rostinho, fazendo uma leitura em braile de sua beleza. Momento de vínculo interrompido por Krait Malasiana para seguir com o protocolo padrão de preenchimento de ficha e pergunta: “Licença, minha senhora, a senhora fez uso de álcool e outras drogas no período da gestação?”. Carolina estranha essa pergunta e deseja saber o motivo, e a assistente social responde: “Senhora! Há uma informação no prontuário da senhora que o tamanho da sua bebê não corresponde a idade gestacional, ela está pequena”. Desorientada com a pergunta e temendo ter feito algo de ruim para sua bebê, conta: “Eu briguei com meu companheiro há 15 dias, e tomei cachaça, foi bem pouquinho, você acha que isso pode ter prejudicado meu bebê?” Malasiana anota a informação, e diz: “Senhora, vou averiguar e em breve te dou um retorno” e se retira do quarto. Com a saída da assistente social, Carol recorda que todos os seus outros bebês nasceram pequenos, coisa da sua genética negra e fica tranquila.

Krait Malasiana seguindo o protocolo do setor de serviço social da maternidade Gorete Valadão que determina encaminhar recém-nascidos de mães usuárias de álcool e outras drogas para o Ministério Público, conforme resoluções do município, aproveita e acessa o histórico de Carolina Silva, e confirma o que já imaginava.

Comunicada a ordem judicial para Carolina, ela logo arma um barraco pedindo por justiça à sua maneira: “Sua vagabunda, piranha, desgraçada, você não vai conseguir tirar essa criança de mim”. Avisa a família da situação, e todos descem para a maternidade. Toquinho grita: “Eu sou o pai, passa a guarda pra mim então”. Malasiana diz: “Você só tem um braço e meio, é incapaz de cuidar da filha. Solange, mãe de Carolina e avó de Livia fala com tranquilidade: “Passa a guarda da minha neta pra mim”. Krait alega: “Você já cuida de três filhos dela, não pode cuidar de mais um”. Dona Solange brava afirma: “Morávamos todos juntos, Carolina casou com Toquinho e quis levar os menino junto, eles não quiseram ir, já estão acostumados comigo, foi só a piquitita de cinco anos que é deles, e eu amo meus netos”. Ignorando a situação, a assistente social da maternidade segue dizendo que precisa seguir o protocolo e confirma mais uma vez: “Senhora, são ordens de cima, eu estou apenas cumprindo”. Dona Solange na sua sabedoria de Preta Velha, conforma com a situação, puxa os seus pelos braços, e sobe para o Morro Arara em marcha fúnebre e silenciosa.



Cabisbaixos e de braços vazios, chegam ao Arara e encontram com Ronaldo o professor de capoeira da comunidade e vizinho de barraco da família. Foi o primeiro a perguntar: “Uai, cadê Livia?”, Toquinho ergue a cabeça e a voz em tom acusador: “A bocuda da Carolina falou com a enfermeira que tinha bebido e dado um raio e não deixaram a gente trazer Livia, ela tá na no abrigo, como se não tivesse família pra cuidar dela”. Ronaldo lamenta o ocorrido, estende a mão para Toquinho e o puxa para um abraço de consolo com três tapinhas no ombro, e em respeito ao seu parça não abraça Carolina, mas roga a Deus que há de abençoar e Livia voltar para o Arara.

Presas na cena ocorrida na maternidade, Carol não reage às acusações do marido. A mente está enclausurada na lembrança traumática, é uma prisioneira em liberdade, a memória não colabora e a cabeça reproduz sem parar e repetidas vezes, a cena da amamentação e em seguida a notícia da perda da guarda por negligência.

Dona Solange intervém em favor da filha: “Cala essa boca Toquinho, e conta a história direito, ela falou a verdade pra proteger a filha do cês, e assunto encerrado. Se eu te pegar falando desse jeito de novo eu te dou um soco na cara, se Carol tivesse boa ela mesmo já tinha te dado um safanão, te orienta homem.”

Dona Solange consultou um advogado para resolver a situação, mas o preço cobrado por ele, era o salário dela no mês. Carol lembra da orientação de Rosalita, sua referência técnica do Centro de Saúde Morro Arara. Rosalita, mulher preta, deixou seu número de celular pessoal caso acontecesse algo e Carolina ligou comunicando a situação.

Rosalita acionou toda rede de Saúde da Atenção Básica, que ficaram perplexos com essa notícia, e fez contato com a maternidade solicitando o relatório do caso, que foi negado e também fez o barraco da justiça: “Krait Malasiana, existe um fluxo para caso de gestantes usuárias de álcool e outras drogas que devem ser seguidos, qual a justificativa de não termos sido comunicados?” A resposta foi: “São muitos casos grave chegando, e discutirei com a equipe interna da maternidade a possibilidade de encaminhar o relatório para vocês”.

Recém-nascida acolhida na Casa Darcy Ribeiro, e mãe autorizada a ir amamentar todos dos dias, se não comparecer para amamentar, aparece no relatório,



prejudicando no processo ainda em andamento, podendo perder a guarda de forma definitiva.

Do Morro Arara até a Casa Darcy Ribeiro são 20km de distância e três ônibus para ir e três ônibus para voltar, Carolina e Toquinho fizeram esse percurso diário por 6 meses. As visitas foram diminuindo, para três vezes na semana, duas vezes na semana, uma vez no mês como diz Carolina Maria de Jesus: “As dificuldades cortam o afeto”.

Carolina Silva está de Hospitalidade Noturna (HN) no CAPS AD, pois foi despejada da casa onde morava, e está brigada com a família. Leci Brandão solicitou vaga em abrigo familiar para Carolina, sua filha de cinco anos e seu companheiro Toquinho. Aguardando surgir a vaga para sair da HN. Há um conflito por parte da equipe do caps pois uma parte não concorda com essa HN, dizendo sobre ela ter ficado bastante tempo por lá. Outra parte, fala que não vai deixá-la na rua, e sua menina de cinco anos está com a avó, até a situação se resolver.

Está visitando sua filha algumas vezes no mês. Mesmo tendo disponibilidade de ir três vezes na semana, levada pela combi do CAPS AD, que fica localizado no mesmo bairro que a Casa Darcy Ribeiro. Carol relata o constrangimento sofrido nas visitas, e a vontade de fugir com a própria filha. Ela conta: “É muito triste, a minha filha sabe que eu sou a mãe dela, às vezes fica bem e me reconhece e às vezes não, isso é de rasgar o peito. Dá vontade de fazer besteira, roubar ela de lá e sumir no mundo, então evito visitar, pois me dá crise de ansiedade. No início ia todo dia, já é mais de um ano eu, sem minha filha. Estou perdendo as esperanças, outro dia a assistente social da casa, falou que eu não vou ter a guarda dela mais, e daqui a pouco ela vai pra adoção”.

Carolina participa das oficinas oferecidas no CAPS AD, e passa a maior parte do dia conversando com outros usuários, sente tédio no espaço, e deseja muito ter um local para morar.

Diante do exposto, ficou alinhado entre a referência técnica do caso, a estagiária e a usuária Carolina, que Ametista seria Acompanhante Terapêutica, colocando em ação o Projeto Terapêutico Singular construído, e o compartilhamento da prática nas supervisões em sala de aula.

Leitura do relatório encerrada e o professor supervisor começa as considerações: “Ametista, tem um modelo de relatório no sistema que precisa ser seguido, favor usar o



padrão. Outro ponto, você utilizou palavras que demonstram um envolvimento exacerbado”, nesse momento a turma interrompe as orientações do professor e começam os comentários: “Essa aí tem fama de emocionada”, “Ela é militante professor”, “Coisa de Psicóloga Social”, “Ihh Feminista”, “Tudo dela é racismo”, e riam-se todos, menos Ametista que sentiu vontade de tocar fogo em todos eles.

“Como eu estava falando, você precisa ter um distanciamento do caso, pois o estágio termina logo, você vai sair do serviço e a usuária vai continuar lá com o problema.” Orienta João Franco. Além disso, solicita que a estagiária pegue outro caso para acompanhar e de preferência um homem, para não confundir com questões de feminismo.

Ametista agradece as orientações, compromete fazer as mudanças nos próximos relatórios, senta e fica em silêncio acompanhando as apresentações dos outros colegas. O silêncio é proposital, como estratégia de resistência, enquanto pensa em um plano: “Já sei, não vou levar esse caso para supervisão, e vou falar apenas do caso novo com o professor, problema resolvido”. E foi assim até a conclusão do curso, o professor e a turma nunca mais ouviram sobre o caso de Carolina Silva.

A história de Carolina completa estará disponível na dissertação. Podemos adiantar que Ametista mobilizou um quilombo e Livia, bebê de Carolina, retornou para o seio familiar, depois de três anos em uma instituição de acolhimento, reafirmando que “pra tudo tem um jeito, só não tem jeito para morte.”

## MEIO

Ametista, estagiária quilombola e personagem principal de *As Insubordinadas do Caps AD*, segue o protocolo de cuidado em saúde mental, estabelecido pela rede de atenção psicossocial, garantido o sucesso do caso. Mas o que difere a atuação dela, para atuação de outras profissionais do serviço que seguem o mesmo protocolo?

A resposta é: “Ametista, tem o jeito quilombola de saber”, jeito de fazer, jeito de saber, jeito de resolver, como aprendeu com a sua Avó: “Pra tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte”, e aprendeu também com seu pai: “Pra tudo tem um jeito, mas não é do mesmo jeito pra tudo”. Saberes e fazeres epistemológicos ancestrais, feitos no pilão, filosofia de sobrevivência da vida dentro e fora do quilombo.



A narrativa d'As Insubordinadas do Caps AD apresenta muitas possibilidades de análise, por se tratar de uma parte da pesquisa, escolhemos trechos que abarcam como as situações seriam percebidas e cuidadas a partir das epistemologias quilombolas iniciamos pelo trecho a seguir:

Primeira vez que Ametista entra em um caps ad, contato corporal com o ambiente foi de estranheza, sensação de casa, ao ver uma piscina enorme no pátio, ao mesmo tempo parecia uma escola, pelas carteiras, cadeiras e refeitório e o sentimento de estar em presídio, tudo cercado, só entra e sai com autorização e mediante apresentação de documentação (AS INSUBORDINADAS DO CAPS AD).

Essa estranheza sentida no corpo e não elaborada ainda, pela mente colonizada encontra resposta no que Leda Maria Martins explica: “[...] a transmigração de povos africanos para as Américas, o sistema escravocrata e a divisão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/corpus africano e de origem africana os signos culturais [...]” (MARTINS, 2021, p. 31). Ou seja, os signos apreendidos no quilombo estão registrados no corpo de Ametista que sente.

Nos quilombos rurais não existem muros, porteiros, guaritas, entra e sai da comunidade quem quiser, é um espaço aberto, livre e seguro, pois para circular por lá é necessário conhecer o território. As cabeças avoadas, cachaceiras e cachaceiros da comunidade quilombola, são respeitadas/os pelo que são e convivem com todos, circulam livremente pelo território. Quando estão em crise, os mais velhos já têm o manejo de cuidado e passam as orientações para os mais novos, acompanham se estão medicados, os motivos da agitação, e a cabeça avoadada continua livre pelo território, mesmo em estado de crise.

Nos dois trechos seguintes da narrativa podemos observar falas de uma formação baseada em noções higienistas de cuidado em saúde mental:

O clima da reunião esquentava, igual ao sol no lindo verão no Sertão, com a fala de Blanca Leite: “tinha que colocar dispositivo intrauterino o famoso DIU em todas as mulheres em situação de rua aí resolvia o problema.

Krait Malasiana seguindo o protocolo do setor de serviço social da maternidade Gorete Valadão que determina encaminhar recém-nascidos de mães usuárias de álcool e outras drogas para o Ministério Público, conforme resoluções do município, aproveita e acessa o histórico de Carolina Silva, e confirma o que já imaginava (AS INSUBORDINADAS DO CAPS AD).

Colocar o dispositivo intra-uterino - DIU, como possibilidade da resolução de um problema que é estrutural significa esterilização compulsória, assim como denunciar



ao Ministério Público sobre o uso de álcool e outras drogas, acusar as mães de negligência, são políticas construídas pelo Estado com a justificativa de proteger os bebês. Políticas baseadas em saberes hegemônicos, noção de família e cuidado burguês. Nêgo Bispo afirma: “Existem modos de vida fora da colonização, mas política, não. Toda política é um instrumento colonialista, porque a política diz respeito à gestão da vida alheia” (BISPO, 2023, p. 46).

A vida alheia tem cor, e é preta, tem raça e é negra, os outros modos de vida fora da colonização, não sendo negros e indígenas são respeitados. A exemplo disso, famílias brancas consideradas hippies, por opção escolhem viver na rua, para ir contra o sistema capitalista. Tive a oportunidade de conhecer uma dessas famílias, que relataram acordar pela manhã e ter o café com leite quentinho e o pão do seu lado, deixado por alguém. A mulher com a qual eu conversei, usuária de álcool e outras drogas, e em situação de rua, conta que sua primeira filha foi criada na rua, é importante ressaltar a proteção do companheiro e pai das crianças, homem branco, impedindo várias vezes essa mulher de ser violentada. Ela conta que na segunda gestação a sogra convenceu-a de voltar para casa, ela aceitou, mas vez ou outra comentava do desejo de voltar a viver em situação de rua, pela liberdade de vida que tinha, por não precisar trabalhar, acordar quando quisesse, viajar para vários lugares.

A política de esterilização compulsória, colocar DIU, retirar os bebês de mulheres usuárias de álcool e outras drogas e/ou em situação de rua não atinge famílias brancas. Compartilho as inquietações de Françoise Vergès: “Quem são essas mulheres que o Estado patriarcal considera legítimo proteger? Como explicar a diferença estabelecida pelo Estado entre as crianças que têm direito a uma infância protegida e as que não têm?” (VERGÈS, 2021, p.13)

Essas resoluções foram aplicadas apenas nas maternidades públicas, ficando livres dessa política genocida e higienista as maternidades privadas. No diálogo a seguir, fica explícito a falta de preparo da assistente social na abordagem a uma mãe no pós-parto.

Licença, minha senhora, a senhora fez uso de álcool e outras drogas no período da gestação?” Carolina estranha essa pergunta e deseja saber o motivo, e a Assistente Social responde: “Senhora! Há uma informação no prontuário da senhora que o tamanho da sua bebê não corresponde a idade gestacional, ela está pequena”. Com a saída da Assistente Social, Carol recorda que todos os



seus outros bebês nasceram pequenos, coisa da sua genética negra e fica tranquila (AS INSUBORDINADAS DO CAPS AD)

No quilombo, jamais seria associado o uso de álcool e outras drogas com o tamanho gestacional do bebê, por diversos motivos. A relação com substâncias psicoativas no quilombo está dissociada de julgamento moral, muitas mulheres quilombolas bebem e cuidam muito bem de seus filhos e filhas. A cachaça também faz parte do cuidado, cura, diversão, remédio, usados na medida e sendo parte da cultura e fonte de renda para muitos quilombos. O saber das parteiras identificaria o motivo da criança ter nascido pequena, e o saber da mãe seria considerado, essa situação aponta a falta de estudos sobre a população negra e que os saberes das comadres, vizinhas, avós, segue sendo substituída pela narrativa do médico, e depois pelos especialistas de cuidados infantis dentre os quais psicólogos e psicanalistas (FREIRE, 2006).

No trecho: “Passa a guarda da minha neta pra mim. Krait alega: Você já cuida de três filhos dela, não pode cuidar de mais um” o saber quilombola e todo movimento da família é desconsiderado. No quilombo o cuidado com as crianças é coletivo, a exemplo, conto um pouco da história de Vó Naná, mulher quilombola, que foi para cidade, criou seus filhos e os filhos de suas comadres. Era a única com casa na cidade, e os que tinham desejo de conseguir trabalho fora do quilombo. Vó Naná acolhia e criava as crianças, as responsabilidades de cuidado eram divididas entre todos da casa, os mais velhos cuidavam dos mais novos, a comadre ia uma vez na semana lavar a roupa, os homens lavavam, cozinhavam e passavam, as atividades domésticas não eram exclusivas das mulheres.

Essa ideia de que filha e filho é só da mãe, a culpa é da mãe, chama a mãe para reunião na escola, a mãe não sabe educar, é uma violência imperialista baseada no conceito de gênero ocidental. Para Sobonfu Somé “[...] somos limitados quanto ao que podemos fazer ou dar. Assim, ao educar crianças, precisamos, definitivamente, do apoio de outras pessoas. É como dizemos: é preciso toda uma aldeia para manter os pais sãos” (SOMÉ, 2007, p. 44)

No trecho: “Cabisbaixos e de braços vazios, chegam ao Arara e encontram com Ronaldo o professor de capoeira da comunidade e vizinho de barraco da família. Foi o primeiro a perguntar: Uai, cadê Lívia?” salta a preocupação comunitária com a criança que era esperada. A respeito do questionamento do vizinho, o cientista congolês



Kimwandèende Kia Bunseki Fu-Kiau escreve: “a mulher grávida é portadora de uma “encomenda” cheia de poder e energia, a continuidade genética de antigas irradiações sob nova forma. Por isso, a comunidade espera pela “encomenda”, ou seja, pela criança [...] (LOPES; SIMAS, 2021, p.34). Essa é uma cosmopercepção da cultura Bantu, que integra a filosofia quilombola, e as favelas, que não deixam de ser comunidades. Retirar uma criança negra de forma arbitrária de sua comunidade, é cometer um genocídio contra a população negra.

No trecho: “Dona Solange intervém em favor da filha: Cala essa boca Toquinho, e conta a história direito, ela falou a verdade pra proteger a filha dos cês, e assunto encerrado” chamamos a atenção para a atitude da mãe que em nenhum momento responsabiliza a filha e luta para resolver um problema causado por uma injustiça do Estado. Nos saberes quilombolas, quando a comunidade enfrenta um problema, não ficamos procurando culpados, ou empurrando o problema para um ou para outro, reunimos todos e resolvemos o problema, depois do problema resolvido que conversamos sobre o ocorrido para que não se repita, o problema nunca é de uma única pessoa, não é uma pessoa que erra, é a comunidade que erra.

O que podemos observar na narrativa, é o comportamento do Estado e das políticas públicas de assistência e saúde colocando a culpa na mãe, todos os serviços envolvidos se movimentam em função de mudar e moldar o comportamento da mãe, para ela conseguir a criança de volta, interferindo no seu modo de vida, como diz Nêgo Bispo “A política é produzida por um grupo que se entende iluminado e que, por isso, tem quer ser protagonista da vida alheia” (BISPO, 2023, p.47). Em nenhum momento do caso, aparece os serviços, se reunindo para entender o problema deles enquanto instituições regulamentadas por um Estado colonialista. O que Ametista faz, é envolver na história para resolver o problema, como aprendeu no quilombo.

No trecho a seguir mais uma vez, a marca de um saber colonial, que fragmenta os corpos, quando o professor João Franco diz: “Outro ponto, você utilizou palavras que demonstram um envolvimento exacerbado [...]. [...] você precisa ter um distanciamento do caso, pois o estágio termina logo, você vai sair do serviço e a usuária vai continuar lá com o problema”. Muitas coisas podem ser colonizadas, inclusive a mente, mas a ancestralidade não. Ametista vive esse trânsito entre cidade e roça, e o coração, o envolvimento, gritou: “você não é humana, você é uma diversal”.



Humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas estão os diversais - os cosmológicos ou orgânicos. Se os humanos querem transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversais, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolvendo humanisticamente. A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra e com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em gênese. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo que é original (BISPO, 2023, p.30).

Sendo insubordinada às epistemologias eurocêntricas, principalmente a psicanálise, base formativa no curso de psicologia e que nada se assemelha a realidade vivida da população negra, Ametista foi orgânica, e o resultado foi a criança de volta ao seio da família, a partir das noções de modos de vida fora da colonização, epistemologias quilombolas, noção de homem e mulher vindas do quilombo, perspectiva de diferenças como soma e não hierarquia, conhecimentos esses não incluídos na sua formação em psicologia. Por isso hoje, de dentro da universidade sente a urgência em produzir saberes a partir das experiências como pessoas negras. Como diz Malcher “O protagonismo das mulheres negras quilombolas nas lutas coletivas das comunidades por garantia de permanecer na terra e contra violações de direitos humanos é um exemplo da luta das mulheres negras” (MALCHER, 2023, p.113).

## INÍCIO

Para o escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o (1938) a colonização passa pela violência física e pela violência psicológica. A física obriga o corpo e a psicológica obriga a alma, a física é visível e a psicológica é sutil. Ele relata suas experiências de aprendizado a partir de contação de histórias, no seio de sua família camponesa e a língua materna que falavam. Com o processo de colonização, foi obrigado a frequentar uma escola colonial, onde era proibido falar a língua materna, se fosse pego falando era punido corporalmente com três a cinco golpes de bengalas nas nádegas nuas, ou às vezes era multado com dinheiro, e não tinha como pagar. Ele conta também, que a linguagem oral foi proibida, e começaram a ler livros ingleses, nos quais as histórias eram bem diferentes das contadas em sua comunidade, afastando-o do seu mundo e aproximando-o do mundo do outro.



Ametista viveu algo semelhante, ao se ver obrigada a abandonar os conhecimentos adquiridos no quilombo, e seguir os conhecimentos dos colonizadores que nada tinham a ver com a realidade brasileira, e a realidade das pessoas atendidas no serviço de Saúde Mental. Sofreu uma retaliação por parte da turma e do professor por seguir abordagens diferentes da dominante, no caso em questão a psicanálise, mas foram os saberes dissidentes e subalternizados que contribuíram para o sucesso do caso, sobretudo as epistemologias quilombolas.

As abordagens no campo da psicologia são as formas que percebemos o mundo, a sociedade, as pessoas, a natureza e o cosmo entre outras coisas. A Psicanálise é construída, e reconstruída a partir de valores europeus, os responsáveis pela colonização do nosso povo, é um tempero que não dá para acrescentar no pilão, se colocar azeda a farinha de amendoim, e tem que jogar tudo fora. Passar pela descolonização mental, parar de perpetuar a violência psicológica a partir da linguagem do colonizador, é literalmente rejeitar os valores europeus, e passar a resgatar os nossos valores, a nossa história, a nossa luta, construir a nossa Psicologia, no movimento de Sankofa, voltar ao passado, ressignificar o presente e construir um futuro melhor.

Afirmamos a importância de conhecer a história da formação do Brasil e da Psicologia brasileira e parar de importar do exterior epistemologias colonizadoras de nossas mentes, perpetuando no nosso discurso tantas práticas imperialistas, sendo necessário como propõe Regina Oliveira e Reinaldo Oliveira (2019) pensar uma educação quilombola e a descolonização dos currículos escolares.

Beatriz Nascimento (2021), intelectual quilombola, convoca a população negra a examinar as nossas aspirações e necessidades partindo da fidelidade histórica, sendo esse o meio possível para erradicar o preconceito racial por parte dos brancos.

A Retirada Compulsória de Bebês é um processo que teve início no período da escravização e perpetua-se até hoje. O saber do quilombo já enfrentou muitas separações, entre mães e suas crianças. Os (as) quilombolas possuem técnicas milenares, implodiram um sistema socioeconômico por dentro, aqui falamos de Palmares. Os quilombos são pioneiros no mundo em enfrentamento e resistência, luta, acabaram com a escravidão no Brasil, tem as epistemologias para enfrentar os



colonizadores, mas porque estudamos Freud, Lacan, Bion, Winnicott ao invés de estudar as nossas lutas, Canudos, Balaiada entre outras experiências coletivas?

Passado, presente e futuro são as categorias do tempo observadas de forma contínua, espiralar, cíclica, o tempo no Quilombo não tem fim, Nêgo Bispo (2022, p. 19) fala: Início, meio, início.

Início, meio e início, vó, filha e neta, vó, filha e neta, vó, filha e neta. Aqualtune, fundadora do Quilombo dos Palmares, Dandara, Acotirene, Madalena Angola, Tereza de Benguela, Beatriz Nascimento, Vó Flor, Vó Naná, Rosa Negra, Ametista e tantas outras para provar a circularidade da vida, a imortalidade da ancestralidade, e a continuação da nossa luta, a continuação desse artigo, a continuação da oralidade transcrita, a continuidade dos nossos saberes e fazeres quilombolas, a continuação das nossa benzedeadas, a continuação das nossas mais velhas, a continuação das nossas griôs contadoras de histórias, a continuação das nossa epistemologias de cuidado em saúde mental, a continuação da nossa existência enquanto povo negro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: *Ubu Editora*, 2023.

\_\_\_\_\_, Rodrigues, Maria Sueli; RUFINO, Luiz; CUMBUCA, Ana. Quatro cantos. São Paulo: *N-1 edições*, 2022.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decolonias*. Rio de Janeiro: *Bazar do Tempo*, 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: *Boitempo*, 2016.

MAMBRINI, Ester. Ana Davenga: análise de um dos contos de Olhos d'água de Conceição Evaristo. Porto Alegre. 14 jul. 2023. Instagram: @escrivainho. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CusWyBZJaHY/?igshid=MzRIODBiNWFIZA>> Acesso em: 06/08/2023.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2018.

FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500008>

GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: *Claro Enigma*, 2015 - (Coleção Agenda brasileira).

HAFNER, Dorinda. *Sabores da África: receitas deliciosas e histórias apimentadas da minha vida*. Tradução: Renata Cordeiro. São Paulo: *Summus*, 2000.

JESUS, Carolina Maria de, 1914 -1977. *Quarto de despejo: diário de uma favelada – edição comemorativa*. São Paulo: *Ática*, 2020.

LEITURAS BRASILEIRAS. Conceição Evaristo - Escrivivência. *YouTube*, 06 de fevereiro de 2020. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&feature=youtu.be>> Acesso em: 16/07/ 2023

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. *Toques do Griô: memórias sobre contadores de histórias africanos*. São Paulo: *Editora Melhoramentos*, 2010.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias Africanas: uma introdução*. 6ª, ed. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 2022.

MALCHER, Maria Albenize Farias. Estratégias de reprodução e modo de vida quilombola no município de São Miguel do Guamá, PA. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 14, n. Ed. Especi, p. 110–128, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1421>. Acesso em: 6/08/ 2023.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. 2ª ed., ver. E atual. São Paulo: *Perspectiva*; Belo Horizonte: *Mazza Edições*, 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Recomendação 005 de 16 de junho de 2014. 23ª Promotoria da Justiça da Infância e Juventude Cível de Belo Horizonte*. Setor de Fiscalização e Acompanhamento de Políticas Públicas III – SEFAPP III.

\_\_\_\_\_. *Recomendação 006 de 06 agosto de 2014. 23ª Promotoria da Justiça da Infância e Juventude Cível de Belo Horizonte*. Setor de Fiscalização e Acompanhamento de Políticas Públicas III – SEFAPP III.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3ª, ed. rev. São Paulo: *Editora Perspectiva*; Rio de Janeiro: *Ipeafro*, 2019

NASCIMENTO, Beatriz, 1942 -1995. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos; organização Alex Ratts. Rio de Janeiro: *Zahar*, 2021.

NASCIMENTO; Elisa Larkin; GÁ; Luiz Carlos. org. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: *Cobogó: Ipeafro*, 2022.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; OLIVEIRA, Reinaldo José. Psicologia e saúde mental: educação quilombola no Recôncavo da Bahia. In: OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (Org.) *Quilombos: Saúde Mental, Psicologias e Outras visões. (Organização) Regina Marques de Souza Oliveira. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2019.*

RIZZINI, Irma. A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: *Loyola*, 2004

SILVA, Cidinha, Prefácio in: JESUS, Carolina Maria de, 1914 -1977. Quarto de despejo: diário de uma favelada – edição comemorativa. São Paulo: *Ática*, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: *Odyseus*, 2003.

THIONG’O, Ngũgĩ wa, 1938. Descolonização mental: a política da linguagem na literatura africana. Diáspora Africana: *Editores Filhos da África*, 2021.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? *Portal Geledés*, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 06 ago. 2023.

VERGÉS, Françoise. Um feminismo decolonial. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: *Ubu Editora*, 2020.

*Recebido em: 07/08/2023*

*Aprovado em: 19/09/2023*